

## O FANTÁSTICO COMO HESITAÇÃO: UMA LEITURA DE JOSÉ J. VEIGA

### *THE FANTASTIC AS HESITATION: A READING OF JOSÉ J. VEIGA'S WORK*

Glauber Honorato da Silva (POSLLI – UEG)<sup>1</sup>  
Emile Cardoso Andrade (POSLLI – UEG)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe discorrer acerca do indeterminismo do fantástico nos romances *A hora dos ruminantes* e *Sombras de reis barbudos*, ambos do escritor goiano José. J Veiga, sem negligenciar que estas narrativas embrionam do percurso cultural, econômico, político e social, em que a América latina compartilhava um nicho de opressões totalitárias. O texto de Veiga adentra no espaço enigmático e por reincidência caótica em razão dos signos e símbolos regionalistas, que dialogam com uma visão macro de brasilidade transfigurada em apontamentos universais e não regionais. Nesse sentido, as teorias do fantástico de Todorov (1992) e da alegoria (Kothe 1986) permitiram olhar para as narrativas que se aprofundam nas cidades fictícias de ambos romances, a fim de investigar de que modo os elementos do fantástico assumem na forma da hesitação de uma identidade própria no texto veiguiano.

**Palavras chave:** Fantástico. Hesitação. José J.Veiga. A hora dos ruminantes. Sombras de reis barbudos.

**ABSTRACT:** This article proposes to discuss the indeterminism of the fantastic in the novels *A hora dos ruminantes* and *Sombras de reis barbudos*, both from the goiano writer José. J Veiga, without neglecting that these narratives arise from the cultural route, economic, political and social, in this moment Latin America shared a niche of Totalitarianism and oppression. The text of Veiga enters the enigmatic space and by chaotic recurrence due to the signs and regionalist symbols that dialogue with a macro view of brazilianness that is transfigured into universal and non-regional notes. By this way, the theories of the Fantastic from Todorov (1992) and The Allegory (Kothe 1986) allowed to look at the narratives that deepen in the fictional cities of both novels, in order to investigate how the elements of the fantastic assume in the form of hesitation a identity in the Veiga's narrative.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI da Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Cora Coralina. E-mail: honoratoglauber43@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI da Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Cora Coralina. Email: emilecardoso@yahoo.com.br.

**Keywords:** Fantastic. Hesitation. José J. Veiga. A hora dos ruminantes. Sombras de reis barbudos.

## INTRODUÇÃO

Em 1966, aos 53 anos, Veiga publicou seu primeiro romance intitulado *A Hora dos Ruminantes*, que diz a história do ficcional lugarejo nomeado de Manarairema e seus moradores, acometidos pela estranha chegada de forasteiros que de imediato montam acampamento no espaço rural. Na época, houve resistência por parte das editoras em publicar o livro, em razão da associação da obra como crítica ao Golpe Militar de 1964 (REZENDE, 2008). Entretanto, o autor discordou dessa leitura com o argumento de que o livro foi concluído anterior ao Golpe, tornando possível compreender que a negação por parte de Veiga engendra de uma necessidade de se proteger e promover seu romance. De todo modo o que permeia grande parte da narrativa de Manarairema é a incerteza das reais intenções dos homens que ali chegaram. Sabe-se que a presença deles altera a rotina bucólica do vilarejo; a tradição do campo e o culto à oralidade das quais os moradores se nutrem dão lugar a uma nova dinâmica de convivência, imprimindo um sentimento melancólico nos habitantes de Manarairema. A

comunidade se encontra impotente diante das mudanças e desacreditada da profecia de melhoramento pregada por esses.

Por sua vez, a presença do novo (moderno) acontece de forma exclamativa no romance *Sombra de Reis Barbudos*. A narrativa se passa na fictícia e pequena cidade de Taitara. A história é contada pela descrição do narrador autodiegético, Lucas. Diferente de *A Hora dos Ruminantes*, Veiga opta pelo foco em primeira pessoa para construir sua denúncia em relação as mudanças causadas na cidade após a instalação da Companhia de Melhoramento de Taitara. A presença da fábrica na cidadela desencadeia uma série de proibições insólitas e coloca os moradores na condição de prisioneiros do lugar onde sempre viveram. Instaura-se então um regime de vigilância e opressão. Similarmente em *A hora dos ruminantes* essa presença é referencial para inaugurar os acontecimentos insólitos e tornar a narrativa uma vitrine alegórica da falência do sujeito diante do poder das autoridades que falam em nome da modernidade. Apesar das características relacionáveis ao realismo fantástico, que iam ao encontro do estilo

literário urgente na América latina do século XX, o escritor goiano se mostrou relutante em direcionar seu texto a este estilo, tanto que apontou em entrevista para a revista publicada na revista digital *Banzeiro* que:

[e]sse fantástico precisa ser muito pensado, estudado, porque não é tão fantástico assim. [...] Coisas incríveis como a lepra erradicada em muitos países acontecem aqui, o desrespeito pela pessoa exercida pelos poderosos. Fantástico mesmo é a existência de sociedade que ainda toleram isso. (VEIGA, 1999)

Apesar da resistência de Veiga quanto a esse processo de associação sua obra possui elementos alegóricos, acontecimentos fantásticos, vivências insólitas, que nos permitem olhá-la pelo viés de um fantástico que não assume uma identidade determinista, mas que flerta com o estilo latino americano, apesar de seu trabalho literário primogênito ser anterior ao realismo fantástico do colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014) e também do venezuelano Arturo Uslar (1906-2001). São as alegorias veiguianas que formam a presença angular, que torna possível a leitura das imagens insólitas em *Sombra de reis barbudos* e *A hora dos ruminantes* como pontos de indeterminação, aos quais Todorov

chama de “hesitação”. Esse espaço interpretativo, característico da obra de Veiga, coloca o romance num lugar de ironia política, onde a alegoria está para subverter símbolos em um cálculo diegeticamente harmonioso e caótico.

Nesse sentido, o percurso deste trabalho consiste também numa abordagem cautelosa, no que tange a identificação dos elementos alegóricos como representação do fantástico latino-americano, tendo em vista as contradições teóricas que direcionam as ficções de Veiga para um local não determinista quanto seu lugar na literatura fantástica. A presença de elementos de identidade inatural serve de componentes para densificar a narrativa e tornar possível uma leitura das variações do fantástico na miscelânea de estilo proposta por Veiga.

### JOSÉ J VEIGA: DOIS ROMANCES EM HESITAÇÃO

Imagem central, dos dois romances aqui em análise, estabelecida pela chegada dos avanços tecnológicos no sertão goiano, foi vivenciada por Veiga: “Presenciou o agir da *companhia estrada de ferro Goiás* e as pequenas usinas hidrelétricas, marcas do progresso que invadia o sertão goiano” (AMARAL, 2003, p.13). Deste processo de modernização, surgem as questões

salientadas e revisitadas em sua obra, desde a primeira publicação com o livro de contos *Os Cavalinhos de Platipanto* (1959).

Assim acontece com a instalação do acampamento em Manairarema, da noite para o dia, os viajantes desconhecidos constroem sua morada, identificada por sua magnitude estética, acontecimento improvável de ter sido feito em poucas horas. Este fato insólito embriona nos viventes do vilarejo uma sensação vertiginosa, como se o que havia ali fosse uma trapaça do olhar: “No dia seguinte a cidade amanheceu ainda sem toucinho, mas com uma novidade: um grande acampamento fumegando e pulsando do outro lado do rio, coisa repentina, de se esfregar os olhos.” (VEIGA, 2015a, p.24).

A presença desse acontecimento, questionável do ponto de vista da veracidade lógica de sua aparição na narrativa, assume-se como elemento essencial para a construção do fantástico, que, de acordo com Todorov (1992), está no espectro da hesitação diante do acontecimento: “O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da realidade.” (TODOROV, 1992, p.47). Tal ocorrência

se dá primeiramente com o personagem em contato com o fato estranho, e depois o mesmo acomete o leitor, que precisa também se habituar às dúvidas geradas pela ficção e às indagações do narrador. A presença dessa incerteza propõe a mesma hesitação para o leitor, porém o atinge em outra esfera no contexto literário. Por esse intercâmbio entre personagem e leitor, a estética do fantástico e seus acontecimentos precisam assumir um caráter de arbitrariedade no simular emoções. Ao se desvincular daquele mundo pertencente aos personagens, o leitor está colocando em tangente a atmosfera fantástica e sua intenção (TODOROV, 1992, p.31). É essa hesitação que levará o leitor e personagem a uma investida no sentido de compreender o que aqueles elementos desejam dizer. É um exercício intenso que não deve se limitar aos elementos base de uma narrativa. Por esta prerrogativa do fantástico, a escrita de Veiga encontra solo variável em seu enquadramento estilístico, pois, se levarmos apenas as características de um romance regionalista para uma leitura de J.J.Veiga, ocultaríamos apontamentos universais de sua obra.

A leitura desses elementos é fundamental, pois se trata de uma narrativa estabelecida num espaço de

interpretações diversas, apontada por Kothe como: “[...] a tentativa de entender de modo efetivo o que está sendo dito numa alegoria – oriunda da necessidade de saltar o fosso que existe entre significado primeiro, aparente, e aquele significado outro, mais verdadeiro, que lhe é subjacente.” (KOTHE, 1985, p. 18). Por essa concepção, Veiga utiliza de alegorias como artifício narrativo para reformular ou subverter símbolos. Tal jogo de interpretação é um pacto velado entre o autor e o leitor: “Escrevo para conhecer melhor o mundo e as pessoas. Quem prestar atenção verá que os meus livros são indagativos, não explicativos. Isso faz deles um jogo ou um brinquedo entre autor e leitor; ambos indagando juntos ou não, e descobrindo ou não” (VEIGA, 1999). É por meio desse cálculo pensado e executado que as obras de Veiga aqui em leitura ocupam o espaço do simbólico e não arbitrariamente de um regionalismo fantástico.

Ao propor uma fuga da normalidade como àqueles espaços regionais e ficcionais dos dois romances, o goiano elenca temas recorrentes por meio de uma concepção macro de mundo. Nota-se a circulação de temas universais, que dizem sobre regimes de opressão, sejam eles em nível espacial maior ou menor. Para fundamentar o prisma temático de

uma invasão dessa natureza, Veiga opta por discorrer sobre as microviolências do cotidiano atreladas aos acontecimentos insólitos, como é possível perceber na invasão dos cachorros no vilarejo de Manairarema: “[...] não conseguiam compreender aquela inversão da ordem, a cidade entregue a cachorros e a gente encolhidos no escuro sem saber o que aconteceria a seguir.” (VEIGA, 2015a, p.61).

A dosagem da prosa veiguiana, nesse momento, demonstra sutileza ao expor a violência desse acontecimento, pois, não há descrição de ações com sangue ou morte. Diz, porém, mais sobre uma agressão ao direito de ir e vir. A presença insólita que se potencializa em alegoria em razão da quantidade de cachorros, pode ser lida como uma revelação do fantástico por representar uma inversão da ordem natural do vilarejo, mas, ao mesmo passo, revela a ruptura de uma tradição ligada ao bucolismo regional, visto que a cidade se ressignifica nas invasões impostas. Estão, pois, presentes o regional e o fantástico que circulam no mesmo texto, todavia não clamam por um lugar predominante na narrativa e também não se polarizam.

Por esse viés, *Sombra de reis barbudos* e *A hora dos ruminantes* carregam marcas da experiência de Veiga no interior goiano, que incidem no tom narrativo

pela exaltação à oralidade sertaneja e também na capacidade de transfigurar questões regionais aos apontamentos universais (CANDIDO, 1980). O autor promove esse artifício narrativo quando coloca seus personagens diante de situações adversárias à rotina cotidiana, como acontece em Manairarema, onde os moradores se deparam com os estranhos que nada tinham em comum com o espaço e com o senso de comunidade daquele local: “[...] havia gente estranha ali a dois passos de suas casas.” (VEIGA, 2015a, p. 36). Posteriormente, a narrativa eleva as ocorrências a ponto de não se restringir ao estado das coisas e sim ao processo dimensional delas. Por essa dinâmica, a obra de Veiga dialoga com o regionalismo, como aponta Antônio Candido “(...) o regionalismo sobrevive como uma tendência que nutre da tensão dialética entre o local e o universal” (CANDIDO, 1980, p. 161). Contudo, a prosa em *A hora dos ruminantes* e *Sombra de reis barbudos* estabelece certa idiosincrasia regional que não se limita no decorrer da narrativa. No entanto, serve de elemento paradoxal que eleva questões regionais, onde a região serve como marco de partida e a chegada está para além da visão unidimensional de uma possível leitura regional.

Em razão dessa fluidez temática, pluralidade dos elementos alegóricos e fabulosos, a obra de Veiga é sujeita a diversas tentativas de denominação, dentre elas estão: regionalismo goiano, regionalismo ortodoxo, conto rural, regionalismo brasileiro; insólito latino-americano, realismo mágico, gótico, fantástico, alegórico (SOUZA, 1990, p.9). Diante da dificuldade de classificar os livros de Veiga em uma corrente de estilo, a obra torna-se um mosaico sujeito aos olhares mais diversos para os que leem, e um palco de confusão e mistério para os personagens sitiados em *A hora dos ruminantes* e *Sombra de reis barbudos*.

A grosso modo, pensar na prosa fantástica é notar as transfigurações do gênero que coloca em falência a concepção do real diante do insólito. O fantástico surge de um processo de mutação, onde o universo real se coloca em segunda camada diante do fantasioso, até que os elementos característicos do estranho se tornem impositivos na narrativa. Acontece então a união dos elementos que inaugura o regime de hesitação como acontecimento natural do cotidiano, tal qual Veiga expõe nas cidades fictícias em ambos os romances. Em *Sombras de reis barbudos*, temos a imagem do narrador Lucas, que em

determinado momento, observando o céu, percebe-se acometido pela visão de um homem voando sobre sua cabeça. Lucas é então arrebatado pela suspensão de sua própria realidade: “[...] levei aquele bruto susto e fiquei sem ação por algum tempo. Pois se o homem passava voando bem na minha frente [...]” (VEIGA, 2015b, p. 126). Diante da visão inatural, e após seu momento de hesitação, o narrador assume a postura de questionador, indagando se o evento insólito é passível de justificativa diante dos códigos de verossimilhança de seu mundo. Ele indaga se o que contemplou é fruto de loucura ou realmente ocorreu: “Subi novamente a torre em procura de algum elemento que confirmasse ou desmentisse a visão, a dúvida estava me fazendo mal” (VEIGA, 1998, p. 123). A cena do voo aponta para outra consequência atrelada ao estado de hesitação, porém, ela ocorre em momento posterior, após a suspensão da realidade promovida pela visão insólita. Assim, é comum que o personagem duvide do seu estado mental: “fiquei olhando o céu, desconfiado do mundo e até de mim. Eu me sentia na situação esquisita de quem foi apanhado mentindo e precisava se limpar com urgência.” (VEIGA, 2015b, p.127). O questionamento do narrador remonta novamente à concepção clássica de

Todorov (1992) que coloca o questionamento da sanidade como recorrente das personagens em narrativas fantásticas: “(...) a personagem não está completamente certa quanto à interpretação que deve dar aos fatos: acredita por vezes, também ela, em sua loucura, mas não chega nunca à certeza.” (TODOROV, 1992, p. 43).

Nota-se, desse modo, o diálogo entre os elementos formadores do fantástico na prosa de Veiga, dentre os quais o mais exclamativo se percebe no espectro da hesitação, que ocorre com os personagens de ambos os romances. Porém, o que interliga a literatura de Veiga a outras obras do realismo fantástico, permitindo assim adotar a concepção todoroviana de hesitação para esta leitura, é o espaço propenso a esse fantástico.

Normalmente esse local é caracterizado como um lugar de vida ordinária, onde os códigos de convivência são seguidos por meio de uma dinâmica invariável em seu cotidiano. Nesse aspecto, qualquer movimento insólito se torna capaz de elevar as personagens desse local para a camada da hesitação. Esse espaço fértil para o insólito é fundamental para a formação da atmosfera fantástica. Sem ela é impossível a ocorrência da hesitação. É notória sua importância em

uma das primeiras definições do gênero, dada pelo escritor norte-americano Howard Phillips Lovecraft e revisitada por Todorov em *Introdução à literatura fantástica*:

A atmosfera é a coisa mais importante, pois o critério definitivo de autenticidade do fantástico não é a estrutura da intriga, mas a criação de uma impressão específica. [...] eis porque devemos julgar o conto fantástico não tanto em relação às intenções do autor e os mecanismos da intriga, mas em função da intensidade emocional que ele provoca [...]. (TODOROV apud LOVECRAFT, 1992, p.40).

De acordo com Lovecraft, é necessário que haja uma ocorrência emocional para a formação de uma atmosfera propensa ao fantástico, assim sendo, a hesitação para Todorov também é dependente desse espaço. Isto posto, temos a formação de uma atmosfera permissiva ao insólito na cidade de Taitara em *Sombras de reis barbudos*. Nota-se no narrador a ocorrência emocional ligada ao dia inaugural da Companhia de melhoramento de Taitara: “o momento mais importante de nossa vida até hoje.” (VEIGA, 2015b, p. 18). Este acontecimento não gera uma hesitação fantástica no personagem, mas torna-se o momento definidor para a inauguração das ações insólitas. Assim, está, pois,

formada a atmosfera propensa ao fantástico na literatura de J.J.Veiga.

Ambos, *Sombras de reis barbudos* e *A hora dos ruminantes* dialogam com o espectro da hesitação pois tratam de histórias de invasões insólitas. Diante disso, é fundamental perceber em qual nível essas invasões são percebidas e a que ponto elas são responsáveis por modificar os mundos nessas narrativas, a fim de possibilitar acontecimentos fantásticos. Percebe-se uma reconfiguração dos mundos em decorrência desses aparecimentos insólitos, não há presença de seres sobrenaturais, entretanto, está evidente uma reformulação do comportamento e ordem natural das coisas, a ver em dois momentos presentes em *Sombras de reis barbudos*: “Quem podia imaginar naquele tempo de alegria e festa que o sonho tão bonito ia degenerar nessa calamitosa Companhia de Melhoramento de Taitara?” (VEIGA, 2015b, p. 21). “Já estou cansado de bater pernas pelos lugares de sempre e só ver essa tristeza de casas vazias, janelas e portas batendo ao vento, mato crescendo nos pátios antes tão bem tratados [...] gambás fazendo ninho nos fogões apagados, se vingando do tempo em que corriam perigo até no fundo dos quintais.” (VEIGA, 2015b, p.21). Com

essas passagens, Lucas narra um lugar adulterado pela invasão da fábrica, assim, o narrador está vivenciando um mundo de poderes insólitos.

Certas ocorrências do estranho em *Sombra de reis barbudos* podem ser racionalizadas por se tratar de algo possível às leis naturais, pois, não gera no narrador e receptor, a sensação da hesitação. A exemplo disso, tem-se o momento em que o narrador está no circo e se vê maravilhado pelas ações teatrais do mágico: “Saímos do teatro maravilhados e assustados, procurando explicações e não encontrando.” (VEIGA, 2015b, p.72). Este acontecimento ocasionou uma dúvida no narrador, mas não atinge o leitor, pois sabe o receptor que um dos papéis fundamentais de qualquer mágico é fazer o telespectador questionar o limite da realidade diante de seus truques. Diferente desse momento que não promove a hesitação, tem-se o aparecimento dos muros na cidade de Taitara. Previamente não aparenta ser extraordinária a implantação de muros em toda a cidade, se fosse apenas pelo fato, leitor e narrador encarariam a situação como verossímil. Entretanto, a hesitação diante da cena não se dá pela concretização do ocorrido, e sim, pelo insólito aparecimento dos muros, onde os personagens desconhecem sua

construção, não sabem quem os fez e como surgiram, indagam-se até, se já vieram prontos de outro lugar e ali foram colocados:

De repente os muros, esses muros. Da noite para o dia eles brotaram assim retos, curvos, quebrados, descendo, subindo, dividindo as ruas ao meio conforme o traçado, separando amigos, tapando vistas, escurecendo, abafando. Até hoje não sabemos se eles foram construídos aí mesmo nos lugares ou trazidos de longe já prontos e fincados aí. No princípio quebrávamos a cabeça para achar o caminho de uma rua à rua seguinte, e pensávamos que não íamos nos acostumar; hoje podemos transitar por toda parte até de olhos fechados, como se os muros não existissem. Com tanto muro para encarar quando estávamos parados e rodear quando tínhamos de andar, a vida estava ficando cada dia mais difícil para todos, mas aqui em casa até que ainda não podíamos nos queixar (VEIGA, 2015b, p. 42-43).

Em *A hora dos ruminantes* a narrativa é tomada por três invasões de caráter físico, abstendo aqui as ocupações de nível emocional que atingem os personagens; são elas: A invasão dos homens estranhos, a invasão dos cachorros e a chegada dos bois. Com esses movimentos de usurpação, Veiga possibilita a leitura alegórica dos acontecimentos fantásticos que irão inaugurar os dias de temor

caracterizados por momentos de hesitação.

Quando a cidade de Manairarema é invadida por bois, interpreta-se como um possível acontecimento legitimado pela ordem natural, pois, é um lugar que vive da tradição do campo rural, logo, a presença de ruminantes não parece inatural. Entretanto, a presença dos incontáveis bois compactua para uma subversão da ordem simbólica do vilarejo em razão da quantidade de ruminantes. De acordo com a descrição, são animais saudáveis, sem distorções físicas, mas que a presença deles no espaço social da vila foge à realidade, o que os moradores de Manairarema presenciaram é uma invasão de bois a nível insólito: “Encheram os becos, as ruas, desbocaram no largo. A ocupação foi rápida e sem atropelo; e quando o povo percebeu o que estava acontecendo, já não era possível fazer nada.” (VEIGA, 2015a, p.118). Tal passagem do romance, no momento em que se dá na narrativa, já perdeu sua acepção literal e passa pela reconfiguração de significado a fim de dizer algo que está além da camada física de exposição. Ocorre, pois, a hesitação diante do desconhecido, onde questiona-se de onde vem o poder insólito responsável pela possibilidade do acontecimento fantástico: “[...] como

convocados por uma buzina que só eles ouviam” (VEIGA, 2015a, p. 118).

O local das interpretações diversas possibilitado por Veiga, para além da construção do fantástico, também diz respeito à criação do texto ficcional, sobre o qual Umberto Eco diz: “Que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo que o receptor deve compreender – não terminaria nunca” (ECO, 1994, p. 9). Nota-se, na narrativa veiguiana, essas elipses que são responsáveis por gerar questionamentos entre o real e o fantástico. Diante disso, as personagens de *A hora dos ruminantes* e *Sombras de reis barbudos* encontram denominador comum no sentimento de inquietação, o qual é o âmago da hesitação. É, pois, que já experienciado uma vez o fenômeno da hesitação, narrador e receptor nutrem a sensação de urgência, algo estranho tornará a acontecer, mas nunca se sabe como e quando.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo da dificuldade encontrada por estudiosos em denominar um estilo para a obra veiguiana, notou-se que o insólito dos acontecimentos estabelece um diálogo com a ideia de “hesitação” proposta por Todorov. Ambas ficções estão alicerçadas em um plano narrativo

alegórico, que traz apontamentos políticos e sociais diluídos em um texto que transita entre o fantástico e o regional.

A leitura dos romances levou em deferência a pertinência dos elementos fantásticos nas narrativas expostas. Foi apontado que o fantástico surge de uma mutação, no qual o universo real se coloca em segunda camada diante do fantasioso, até que os elementos característicos do estranho se tornem impositivos na narrativa. Ocorre, pois, a

união dos elementos que inaugura o regime de hesitação: “Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas de tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico.” (TODOROV, 1992, p.30). Por meio dessa definição, o espectro da hesitação foi fundamental para compreender a performance entre narrador e receptor diante da imposição insólita em ambas narrativas: *A hora dos ruminantes* e *Sombras de reis barbudos*.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila Dias Pereira do. **Manarairema sofre a noite: enigma, resistência e sedução em A hora dos ruminantes – uma leitura sociológica de José J. Veiga**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Cristina Teixeira Machado. Goiânia, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

KOTHE, Flávio R. **A alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

REZENDE, Irene Severina. **O fantástico no contexto sócio-cultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)**. 2008. 241f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: Acesso em: 10 de jan. 2011.

SOUZA, Agostinho Potenciano. **Um olhar crítico sobre o nosso tempo: uma leitura da obra de José J. Veiga**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VEIGA, José J. **A hora dos ruminantes**. São Paulo: Companhia das letras, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Sombra de reis barbudos**. São Paulo: Companhia das letras, 2015b.

VEIGA, José J. **entrevista com José J. Veiga**.in: WEINTRAB, F; COHN, S; & PROENÇA, R. BANZEIRO. Disponível em: *encurtador.com.br/dtFG1*. acesso abril de 2019. Entrevista realizada em 1999.